



casadesarmento

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmento | © Sociedade Martins Sarmento

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4810-241 Guimarães
E-mail: casa.sarmento@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt

Poetas Vimaraneses

(Conferência recital, realizada nas Oficinas de S. José, de Guimarães)

(Conf. da pág. 80)

A Ex.^{ma} Senhora D. Ruth Fernandes Guimarães vai dar-nos a honra de dizer versos de Campo Santo.

A AÇUCENA

Era um jardim. Mil delicadas flores
No aroma ricas e na cor suaves,
São os castos amores
Dum grande Rei. Seu dono
Dêste mágico éden traz sempre as chaves,
E estima as flores como o próprio trono.

Quantas lágrimas, quantas à porfia,
Do lírio até à malva,
Derramavam as flores certo dia
Logo ao despertar d'alva!...
Ai! um cravo gentil do dono amado
Com negra pinta amanheceu manchado!

Todas velam por ele; ai! mas sem fruto.
A violeta, tremendo,
Mais lívida aparece com seu luto;
O nardo, o alali na haste, pendendo,
Recolhem sem perdão; e até a rosa
Se faz mais bela, porque mais chorosa.

Ai do cravo infeliz! Ninguém alcança
Remir a sua pena!
Inda ao mísero resta uma esperança:

A cândida açucena
Por ele vai rogar. Vêde-a que logo
Seus encantos apura e ergue o rôgo.

Com gesto o Rei a mira e a remira
E diz: «Pede; pois teu amor suspira.
Todo teu sou; todo inteiro.»
E, tímida, e falando só a meias,
Alfim lhe diz: «Requeiro
Uma gota de sangue dessas veias.

Derramarei-a sobre o cravo insano;
E o carmim soberano
Sarando por inteiro
O fino esmalte e mais a cor perdida,
A fi deverá a flor seu ser primeiro,
E a açucena uma segunda vida.»

E tiveram festim todas as flores;
E deram, entre célicos fulgores,
(Diz do jardim a História):
Ao cravo, parabéns em festa amena;
Ao Rei bondoso, glória;
E aplausos infinitos à açucena.

DR. JOSÉ DE FREITAS COSTA

Recuemos meio século. Hora mística. Trindades.
O bando de lampianistas, saca a tiracolo, lata na mão e escada ao ombro, formiga em todas as direcções do burgo a acender os candieiros da iluminação pública. O Toural, mergulhado nas luzinhas oftálmicas de petróleo, dá ao jardim público encerrado a essa hora ao toque da sineta municipal, um ar de boa pessoa que recolhe ao pôr das galinhas.

Junto à torre de S. Pedro acomoda-se o Botequim do Vago-Mestre.

Um clichê: Boceta de paredes fumadas, servida por quatro mesas, algumas cadeiras, quatro candieiros de azeite. Meia dúzia de venerandas figuras à volta das *Damas* e mais do «Caso do Dia»; e, a servi-las muito atento venerador, uma figura típica, boníssima, filosofante, de suíças, barretinho preto e cafeteira na mão.

Eis o antigo e já finado Botequim do Vago-Mestre: verdadeiro cenáculo, onde reuniam os maiores da terra.

O Dr. José de Freitas Costa passou por ali. Erudito e talentoso, escreveu teatro, colleccionou moedas, fez jornalismo. Foi poeta de verve fina. Parnasiano algumas vezes, humorista quasi sempre, escreveu sem a preocupação de deixar uma obra — objectivo que teria alcançado com êxito, se nisso pensasse.

Nasceu em 1833 na quinta do Outeiro. No cemitério da freguesia de S. Romão, lá vai uma filha sobrevivente desfolhar as flores da sua saudade. Viveu 72 anos.

Uma pequenina amostra recortada de uma poesia do Dr. Freitas Costa, sob o título:

A UMA DAMA VALSISTA

Tem os saltos da gazela,
Os vôos da cotovia;
Não são mais vivos que os dela,
Os zigue-zagues da inguia.
E a águia voando altiva,
E' mais fugaz, mais esquiva,
Do que a lebre ou cordoniz;
E, surgindo de repente,
Bole c'os nervos à gente
Como o vôo da perdiz.

E a poesia contínua, caldeada de um espirituoso, saltitante e portuguesíssimo bom-humor.

*

* *

1885 — Aos vivos estridentes de «União ao Pôrto» forma-se o «Grupo dos Entusiastas». Origem? Um conflito com Braga.

— «Qual é o seu lábaro de batalha?

«Pela nossa terra e pela nossa gente!» As damas vimaranenses associando-se à causa local, que é a desaffronta dos nossos Maiores!, bordam uma bandeira, onde sôbre fundo verde, brilha o oiro desta legenda:

— «Antes quebrar que torcer!»

Da pléiade gentil, espécie de «Ala dos Namorados» fazem parte figuras como Sarmento, Alberto e José Sampaio, Meira, Domingos Guimarães, Leite Castro, Minotes, Avelino Guimarães, Germano, e tantos, e todos, porque trata-se, afinal, da causa mais aguerrida e popular de quantas o bairrismo das terrinhas portuguesas e provincianas tem conhecido e digladiado.

Na agitação febricitante desta maré-alta do velho amor à terra, anda um vulto de aspecto varonil e insinuante.

Nos comícios e nos panfletos, o seu brado é clarim de batalha.

— Quem é?

O povinho que o aplaude, diz que êle fala e escreve, «como um doutor». Contudo, admirem! — é um simples logista.

E, cousa de notar-se. Pelos jornais da época, onde semeou muitas poesias, o nosso conterrâneo afirma-se um temperamento lirico.

Sob o pseudónimo de . . .

Mas é melhor, mais flagrante, escutarmos uma das suas produções poéticas.

Peço a V. Ex.^a, Senhora D. Lucília Alijó de Lima, a gentileza de nos recitar

A CARIDADE

Jesus estava só. A lua docemente
Beijava aquela face amargurada e bela,
Enquanto um rouxinol gemia plangente
Uma canção singela.

Lambia-lhe seus pés a límpida corrente
Onde meiga brilhava a vespertina estrêla;
E Jesus reclinava em sua mão tremente
A face triste e bela.

E' que a dor o prostrava, ouvindo compungido
O côro de lamentos, o ai! triste e dolorido
Que esmaga a Humanidade.

Levantou-se, porém, erguendo a vista aos céus;
Da lágrima que enfão seu rosto humedeceu,
Formou a Caridade!

A inspirada produção poética que acabamos de ouvir é de Custódio de Freitas — o saudável irmão do Ex.^{mo} Senhor Dr. João Martins de Freitas. ⁽¹⁾

Pelo outono de 1890, tombara com as últimas fôlhas.

De um jornal da época, recorto estas palavras: — «Foi o orador mais eloquente e vibrante do extinto Grupo dos Entusiastas, na sua idade áurea.»

(1) Presidiu S. Ex.^a a este Sarau-Recital, secretariado pelos Ex.^{mos} Senhores Dr. Raúl Alves da Cunha, Juiz de Direito, e João Gomes de Abreu Lima, Administrador do Concelho.

ENGENHEIRO FRANCISCO DA SILVA MONTEIRO

Era duma vez um pai que tinha três filhos. Sentindo-se morrer, chamou à sua presença um velho amigo ao qual falou assim: — A ninguém mais no mundo eu tenho a quem em tanta confiança possa legar o encargo de velar pela educação e futuro de meus filhos.

Se, pois, me quereis fazer bom serviço, peço-vos que aceiteis a piedosa tarefa de me velardes por essas crianças, como se eu próprio fôra.

E o pai alanceado, escutando a fala reconfortante do seu velho amigo, partiu para a grande viagem, de onde é crença que se não volta mais.

Ao tempo se sucedeu o tempo. E aquelas crianças entregues ao bom cuidado do seu tutor, cresceram, medraram em estudos. Um, alcançou ser oficial de marinha; outro, magistrado; e o 3.º, engenheiro civil. Este último é o poeta de quem aqui evocamos sua memória e talento.

Mas antes, sempre direi a quem duvidar da veracidade desta singela história, vá ali a S. Domingos, à loja que foi do honrado *Braga Mercador*, e saberá como as cousas se passaram, mais pelo miúdo.

Francisco da Silva Monteiro foi discípulo fiel de Antero de Quental. Metafísico, transcendental em seu engenho poético, alcançaria notável relêvo, se a morte tão cedo o não levasse.

Doente, pouco tempo depois do seu curso em Engenharia Civil, foi morrer ao Bom Jesus — em cuja frondosidade de amenas sombras, como num palácio encantado de ilusões, descera a passo e passo a escada estreita.

Como fôra a sua morte?

Bruma... No lirismo como na morte, sempre Antero.

Meçam V. Ex.^{as} por êste seu soneto, a grandeza do poeta vimearanense:

IN PRINCIPIO ERAT VERBUM...

Em dias duma enorme tempestade
pelo horizonte escuro do Poente,
erguera-se da Terra, o Inconsciente
armado para o Sol da Liberdade!

Percorrera o Mundo em ansiedade
evoluindo-se já como quem sente
a tristeza das cousas lentamente,
o esforço p'ra a eterna claridade!

Assim fôra levado, num martírio,
o olhar atormentado, meio incerto,
numa visão estranha ou em delírio...

Mas, passada que foi a Noite dura,
penetrara, calado, no Deserto...
na adorável paz... da Ideia Pura!...

Pêna é que não recolham do prosaísmo do jornal a dispersão dos sonetos do jovem engenheiro, tão primorosos na aliança da Filosofia com a Poesia!

DR. BRÁULIO CALDAS

Noites de Coimbra. Capas negras. Sôbre as águas do Mondego, a lua espelha-se em reverberações de luz. Um beijo de brisa acaricia a folhagem do Choupal. Gemem guitarras. A voz maga de um estudante eleva-se às estrêlas:

Foge, lua envergonhada,
Retira-te lá dos céus,
Que os olhos de minha amada
Têm mais brilho do que os teus.

E a plangência amorosa e sofredora do fado, vem repetindo, há perto de 50 anos, esta quadra que um dia Bráulio Caldas — terno poeta dos cantares — oferecera ao famoso Hilário, seu companheiro da boémia coimbrã.

A capa e a batina do estudante Bráulio, é substituída pela toga do advogado. Na banca dos tribunais a sua voz triunfal clama justiça para os seus constituintes. Na cátedra de professor eminente, preleciona e ensina. Em uma e outra cousa está sempre a alma delicada do poeta. Os seus e nossos conferrâneos vizelenses, tinham nêle um grande orgulho. Se um dia junto ao murmuroso rio Vizela se erigisse um monumento ao terníssimo autor das *Alvoradas* e *Crepúsculos*, uma capa de estudante deveria envolver o seu busto talhado em bronze, como de bronze era o seu carácter. Filho de um velho professor, sobrinho de outro, que foi decano de professores, o saudável

poeta vimaranense trouxe sempre ao seu lado direito os moços académicos desta cidade, os quais fez brilhar nos seus Pregões e Danças Nicolinas, pois que nêle a juventude foi rosa de eterno perfume.

Já algures se escreveu que a bondade vale no homem metade do seu talento. Pois uma e outra qualidades possuía Bráulio Caldas. Como testemunho dessas duas características do seu modo de ser psíquico — talento e bondade — é de contar-se como em si um acto de revolta se transformou em um gesto de lirismo.

Reprovado injustamente no seu 5.º ano de Direito, êle mergulha em saúde por ver partir os rapazes do seu curso e dirige-lhes na rêcita de despedida o seu cântico alado — que o Ex.^{mo} Sr. Jerónimo Ribeiro da Costa Sampaio vai dar-nos o prazer de recitar:

ANDORINHAS MANSAS

Parti, não como o sol que morre no horizonte
Lânguidamente triste, numa tristeza austera.
Parti alegremente e levantai a fronte
Aos beijos maternos de alguém que vos espera.

Mas antes de partir com os louros da vitória
Que hoje vos faz sorrir e que vos faz chorar,
Ouvi, serenamente, esta singela história
Que eu, saudável e triste, aqui vos vou contar:

— Numa manhã de Abril, numa manhã formosa
Em que a aurora esbatera em finas de ouro e rosa
Na palêta do Azul o anil do firmamento,
Como poeira de ouro ali espalhada ao vento,
Via-se, muito ao longe, a vacilar na altura,
Uma nuvem serena, caprichosa... escura,

A demandar a terra, a construir esperanças.
— Era o bando gentil das andorinhas mansas.

Naquele esvoaçar inquieto, pressuroso,
Havia um doudejar... uma expressão de gôzo,
Daqueles corações cantando, na partida,
A saudável canção da sua despedida!

A mais tímida, então, sôzinha, esvoaçando...
Pouco e pouco subiu... perdera-se do bando
Pelas nuvens de arminho à busca de um regaço,
Como a pluma levada ao vento pelo espaço...

Pairava no azul... um temeroso abutre;

E ela, coitadita! exânime, a tremer,
Balbuciou-lhe a medo — «E' tanto o meu sofrer!
Se soubesses, então, a solitária vida
Que eu passaria lá... tão pobre e desvalida,
Sem ter ninho, sem pão, sem luz, sem agasalho,
Sem o calor do sol, a frescura do orvalho...
E' tão triste o inverno; a aldeia é tão agreste,
Já vai caindo a neve e sopra o vento leste...
Ceifaram os trigaes; colheram as searas;
As mialhas de pão, agora, são avaras...
Que pena dos paraís! da dor que os consome,
A tiritar de frio e a morrer de fome!
Ah! deixa-me voar... voar continuamente,
Aquecer-me ao calor do sol resplandecente
Que entorna áureos cristais, puríssimos de luz,
Gerados pelo Verbo Eterno de Jesus!»

E o abutre rasgou-lhe as pequeninas asas,
No gume dos punhais das venenosas garras;
E a pequenina ave, em trémulos adejos,
Caira, estrebuchando aos derradeiros beijos
Dos astros siderais nas asas aniladas,
Com reflexos de ouro e agora ensangüentadas.

E partira sem ela, alimentando esperanças,
Esse bando gentil das andorinhas mansas.

Viveu como morreu. Simples, bom e... poeta.

Na ternura infinita das suas disposições de vontade,
pediu que o deixassem levar para a cova um anel que
sempre trouxera consigo.

São assim as sensibilidades poéticas. A recordar, a
desferir um rosário de saudades, vão viver para a cova.

São assim as sensibilidades poéticas!...

Um diálogo respigado da *Morgadinha dos Canaviaes*,
por Júlio Denis. Personagens: A velha tia Doroteia e o
sobrinho Souzelas. Pergunta da tia Doroteia:

«— ¿E além do João Trolha, quem há mais que faça
versos?

— Que eu saiba!...

— E aquele Augusto?

— O Augustinho do doutor? O' filho! Coitado do pobre rapaz. Ele sim! Credo! Não, aquilo é um rapaz de muito juízo.

— Isso não tira. ¿Então a tia julga que só os tolos fazem versos?

— Todos não digo, mas...

— Mas um pouco feridos na asa, não é verdade?

— Ora pois, então dize-me tu, menino, ¿se um homem sério... sim... um homem de respeito, faz versos?»

... Abençoada seja a memória da Senhora D. Bernardina da Rocha Felgueiras que, desprezando «as velhas tias Doroteias», escrevera, publicara e assinara, lindos e sentidos versos—como vamos ter o prazer de escutar, recitados por gentileza da Ex.^{ma} Senhora D. Maria de Lourdes Fernandes Guimarães.

LAMENTOS

Já o sol se vai sumindo
Vai fugindo,
Em trevas me vai deixar.
A noite surgindo amena,
Tão serena,
Vem-me a alma contristar.

Uma dor amarga eu sinto
E pressinto,
Uma tortura sem fim;
Morta de todo a esperança,
Sem bonança
Não posso viver assim.

Oh! de que serve esta vida,
Consumida,
Em tortura tão cruel!
Mais valia não nascer,
Que beber
Desta negra faça o fel.

Mas, se enfim é minha sorte,
Serei forte,
Sorrirrei à minha dor,
Abraçada à minha cruz,
A minha luz...
Seja, coragem, Senhor!

Melopeia romanticista, — que foi o «delicioso pungir» dos vates de uma época, que pareciam morrer de hipocondria, feridos de amor!

ARNALDO PEREIRA

Crepes pesados. Sôbre um caixão fúnebre, um espectro de mulher a ulular sua dor, esvaída, aflita, louca. Foi o marido levado a enterrar. E a desventurada viúva deambulando pelas ruas do burgo, fala dum abutre que lhe roubou o marido e quer levar também os filhos. Té que um dia a Morte, condoida da desventurada mãe que enlouquecera, lá a levava também a ela para a cova. E' nesta tela de suprema desventura que se vê um órfão: — o poeta Arnaldo Pereira.

Aos 13 anos, fazendo um poema da sua dor, já se tratava a si próprio:

Um físico vulgar, uns 13 anos,
Gelados pelo fel dos desenganos.

Erguendo dentro do seu peito um cemitério de almas, mal amparado pela caridade dos parentes, deixou os livros liceais e elevou-se à sua tórre de marfim, a sonhar, desafiando o seu rosário elegíaco:

Todos os meus repoisam desta lida
E lá dormem na paz da sepultura.
Só eu cá vou pelas galés da Vida,
A soluçar os hinos da amargura.

Cresceu. Vestiu a farda de soldado. Depois, volta à sua trapeira, ali na Rua de Gatos. Solitário, preso ao seu ermo, vai desfolhando pétalas de presagos e tristes recordares:

E' neste quarto, onde viveu meu Pai,
E onde eu tenho um Senhor dos Aflitos,
Que eu passo a vida, que tão longe vai,
Chorando rezas com que afogo gritos.

Quando a sua personalidade poética entrou de marcar-se, era já um jovem abrindo asas em pleno céu azul da mocidade.

Ficou-me dêle êste retrato: Corpo bambuante, roupa acarvoada, tez pálida, olhos aguados e claros, cabeleira farta e um disforme laço preto a fixar o tipo da sua boémia literária.

E, a «criança sem amor que nunca infância teve», como êle próprio de si dizia, desentranhou do peito um sonho de amor e escreveu o seu primeiro livro de versos.

Julgão V. Ex.^{as}, e muito lógicamente, que êsse livro — cofre de jóias de amor — havia de ser feito em divan de sêda, ou à sombra amiga de copadas árvores. Assim devia ser. Mas tendo a crisálida do poeta desabrochado os seus primeiros botões de rosa na amargura infinita da sua orfandade, como aconteceu a Arnaldo Pereira, o seu primeiro livro de versos tinha de ser feito — no cárcere!

Para lá havia sido empurrado por um delito de opinião. Na penumbra da lóbrega cadeia da Misericórdia escrevera — *Lágrimas d'Alma*.

Inadaptável ao prosaísmo desta vida burguesíssima, Arnaldo Pereira — o scintilante poeta — entra de nos mostrar a sua moldura de pária, numa indumentária em que vemos uma farpela no fio, umas botas cambando, uma cabeleira crescendo, crescendo, a ponto de já as raparigas se sorrirem do poeta, como êle mesmo anota:

Moças que passam, doidas, filitantes,
Vendo-me triste, pálido, amarelo,
Já não me pedem versos, como dantes,
E lá se vão a rir do meu cabelo.

Rico de talento, cinzelando versos de uma sonoridade à António Nobre, Arnaldo Pereira escreve um novo livro. Peço ao Ex.^{mo} Sr. José Roriz para nos recitar:

IDMHÊA

Santa Senhora linda e piedosa,
Rosa nascida dentre os malmequeres;
O Senhor é convosco, Alma chorosa,
Bendita sereis sempre entre as mulheres!

Boa que sois, minha real Senhora,
Que Deus decerto para si destina,
Será sempre domingo a toda a hora
No vosso olhar de Santa e de menina...

Quando vejo êsse olhar que nos encanta,
Como estrêla que Deus pôs entre nós,
Eu penso logo que a Rainha Santa
Não era mais formosa do que vós.

No vosso olhar de festa, e de novena,
Anda um sorriso que vos vem dos Céus.
Nada vos falta, nem a côr morena,
P'ra serdes linda como a Mãe de Deus.

Um dia, depois de espargir flores de saúde sobre a terra que o desamou; depois de haver derramado perfumados incensos às gentis Donas da sua terra, que mal nêle repararam, Arnaldo Pereira, como as andorinhas em busca de primaveras, emigrou. Instalado em Lisboa, aproveitado para a tuba-sonora do jornalismo, não voltou mais à sua terra, que jâmais nela tivera ninho. Arnaldo Pereira — nababo de talento! — morreu como pobre no Hospital de S. José.

DR. JOÃO DE MEIRA

No prelúdio de abertura àquele livro — *O Concelho de Guimarães* — que lhe serviu de tese de doutoramento e que é pela sua erudição e probidade um magistral estudo de etnografia e história local, vem êste brado do seu amor à terra de Guimarães:

«... terra onde nasci, onde espero viver, onde desejo morrer, para ir perpétuamente dormir junto da modesta ermida, tão pequena e tamanha em nosso amor, tão querida já de nossos avós, na sepultura humilde que o vidoeiro ensombra pela tarde.»

E seu pai querido, a quem o poeta há 24 anos dirigiu êste apêlo de alma em oração de saúde — cumpriu. Tam fielmente cumpriu, que êle próprio se foi juntar aos filhos, para longamente com êles conversar na cova...

Não tratarei aqui do vigoroso jornalista «Homo»; do polemista de dialéctica sagaz; do etnógrafo brilhante da *Revista de Guimarães*; do lente professor e apaixonado escritor da História da Medicina; do pesquisador fremente dos estudos arqueológicos; do camilianista probo; do prosador vernáculo; do bairrista, enfim.

Falarei apenas do génio poético de João de Meira, pois que o revelou, exuberante e brilhantemente.

Disse dêle o escritor Joaquim Costa:

«João de Meira, mais do que um médico e um professor, foi essencialmente um poeta.»

Admiremos-lhe o lirismo de um lindo e sentidíssimo perfil de mulher.

Peço ao Ex.^{mo} Sr. Serafim José Pereira Rodrigues a honra de nos recitar —

A MORENINHA

Moreninha doce, cujo olhar me enleva,
Se passeia à tarde no jardim daqui;
Olhos côr de noite, tranças côr de treva,
Moreninha doce cujo olhar me enleva
E fascina e prende como nunca vi.

Olhos côr de noite, mas que noite linda
E' a dêsses olhos, nesse lindo rosto;
Noite cheia de astros, de ternura inflada,
Olhos que são noite e brilham mais ainda
Do que um belo dia, do que um sol de Agosto.

Tranças côr de treva, é na treva escura
Que nos vêm os sonhos, inda os mais feéricos,
E' na treva densa que se nos afigura
Ver sorrir de leve a imagem da ventura
E tornar de novo à sombra dos mistérios.

Moreninha doce, tem o doce nome
Dessa a quem Jesus imenso amava dantes
E tornou santinha e saciou a fome;
Moreninha doce, tem no doce nome
Nove únicas letras, nove diamantes.

Doce nome lindo, nome de ternura
Que se diz orando como «Avê-Maria»
Nome que vem já nas fôlhas da Escritura,
Nome todo luz e nome que murmura
O ribeiro manso entre a ramaria.

Em um repasto fraterno entre mestres e amigos e onde era anfitrião o lente e erudito escritor Dr. Maximiano de Lemos, o poeta João de Meira ergue-se e anuncia que vai ler um manuscrito por si descoberto na fenda de uma parede, em lugar recôndito, contendo um soneto de *Anto*, pseudónimo do grande poeta — António Nobre. E recitou.

Um côro de aplausos vibrara naquele auditório selecto. Era segura convicção em todos, de que tal achado constituia, apenas, um espirotooso disfarce adoptado por João de Meira, que se comprazia naquele género de «pastiches».

Trinta e dois anos. Sol rútilo de pleno verão. Os campos do Verde Minho, mostram as suas messes doiradas. Um germinal bendito, oferece a terra fecunda de seivas e propiciosos frutos. A vida é bela!

Glória à Vida! — Oh! que ancestral vontade de viver! E, contudo, Alguem é levado a enterrar!

João de Meira, quando tudo nêle, desde o seu fisico de ombros seguros, peito amplo e passo firme, nos comunicava vida exuberante e exuberante futuro; quando o seu talento, a sua personalidade mental, mais ascencionava em largos e seguros vôos, eis que tomba por terra — em pleno zenite, em plena marcha, em pleno triunfo!...

Profundamente triste!

Há 18 anos que lá está, na pacata aldeia de Gominhães, sôbre o alpendre da modesta ermida «que o vidoeiro ensombra pelas tardes».

Lá está João de Meira, tal qual como o predissera, na ante-visão da morte:

Na linda capelinha, ao pé da qual,
Se Deus quizer, um dia hei-de morar,
Ficarei junto à porta principal,
Para o pove, na entrada, me pisar.

GUILHERME DE FARIA

«E' poeta, no conceito crítico do formidável romancista Camilo — «aquele que desmente as leis anatômicas e fisiológicas, vivendo do princípio vital de uma única entranha o coração».

Guilherme de Faria, o jovem, foi poeta pelo coração. Temperamento hiper-sensível, uma exaltação romântica o fez ver num perfil de mulher o seu rumo: de extermínio ou de redenção.

De olhar lançado ao alto, em êxtase de suavíssima esperança, êle canta enlevado na imagem do seu amor:

Ah! bendita seja a sorte
Que me deu
O Senhor Deus justo e forte!
Pois por vós, por vosso amor,
Não vai minha alma sôzinha
Pelo mundo em sua dor...

Mas a terna imagem que flutua num iris de sol, breve
se emmoldura em sombras. E a alma acrisolada do poeta,
mergulha na Incerteza.

Senhora da formosura
E sonho do meu Desejo,
Não entendo esta amargura
Que sinto quando te vejo.

De braço dado com êsse irmão espiritual — o nostál-
gico Antônio Nobre que tão fundo impressionou a alma
lusiada com os seus psalmos elegíacos à Tristeza, — vai o
poeta, como sonâmbulo, seguindo pela via dolorosa da
vida, exclamando, na iminência do naufrágio:

Quero viver! — E a vida vai passando
Sem eu a ver passar,
Entre sombras nocturnas ondulando,
Errantes pelo ar.

E o poeta desamparado da sua estrêla, cai no torve-
linho da Paixão. Desolado, entra nos domínios da deses-
peração:

Oh, morte escura!
Sonho contigo...
Vem! — que o meu sonho de primavera
Em fria cinza de vã quimera,
Tudo morreu!

Volve-se então o seu lirismo de nauta sem caravela
e sem âncora, para o dinamismo nostálgico das águas
marinhas; para a solidão oceânica...

Mar de águas, mar de mágoas! Sôbre uma rocha
extensa, feita de escarpas alterosas, rasga-se uma garganta
disforme. No fundo escuro do abismo, abrem-se cavernas
por onde as ondas do mar revôlto se precipitam de inves-
tida, bramando, redemoinhando em fúria doida e ciclópica.

Entoa a água um «De-profundis» de extermínio.
E o poeta pondo os seus olhos aguados, nos «olhos
verdes e frios do Mar», canta a sua odisseia derradeira:

A minha alma — noite morta —
Crucificada nas ondas,
Morreu nas ondas do Mar...

Pungente epitáfio!...

Resta agora, para que bem possamos medir a extraor-
dinária altura atingida na poesia pelo jovem e inditoso
poeta vimaranense Guilherme de Faria, — resta que V. Ex.^{as}
escutem uma composição inserta no seu primeiro poemeto:

SONETO AO MAR

Oh Mar! — sou teu irmão! Tumultuoso
Assim como tu és, vasto, sem fim,
E como tu solene e doloroso,
Eu sinto um Mar rolar dentro de mim!

Nêle, ondas correm sem cessar, assim
Como em ti, velho Mar tempestuoso!
E é como tu, soberbo e desdenhoso,
O Mar que sinto uivar dentro de mim!

Também irrompe, às vezes, temporal,
Dentro de mim, inquieto e desigual...
E o Sonho e a Esperança — tudo cai no Mar...

E eu rezo e choro: «Oh Mar! a tua água
É gêmea e qu'rida irmã da minha mágoa!
Vive, como ela, eterna, a soluçar!»

Senhoras e Senhores:

E' tempo de terminar. Vimos perpassar através a
gase lilás do tempo os nossos poetas, desde os trovadores
aos vates do romantismo, de olhar azul e lira afinada.
E porque a Poesia anda presa às raízes da própria Vida,
a Poesia não morrerá. Demais, em Portugal é tam natural
a Poesia, que não faltam lances singelos do povo, onde
ela ressalta. Na faina dos trabalhos agrícolas, nas rifas,
nas romarias, aí a veremos em cantigas à desgarrada, em
cantigas ao desafio, elevando-se nas asas doiradas da Can-

ção, por vezes fluente, harmoniosa, comunicativa, como o registam os cancioneiros populares.

Disse o Marquês de Santillana, escritor do século XV, — que a «sciência poetãl» tendo começado nas Divinas Escrituras, «era agradável a Deus e depois a toda a linhagem e espécie de gentes». E' certamente agradável a Deus e às suas criaturas: sômente importa que quantos hajam de ser lavrantes do verso, o façam por maneira que no jardim de Parnaso não brotem flores de mau perfume.

Que os poetas vivos, honrando, dignificando a «Senhora Poesia» como Francisco de Holanda escreveu, desprezem certas tendências de sentimentalidade erótica, não se esquecendo que a Poesia «é irmã coeterna do Amor, da Beleza, do Sonho e da Bondade».

Fecho com estas palavras de Oliveira Martins:

— «Se a Poesia não mentir aos seus destinos, será a coroa eterna da Humanidade.»

Tenho dito.

A. L. DE CARVALHO.

NOTA:

— Já depois de feito este estudo, pude ler toda a obra do poeta vimaranense Manuel Tomás, do séc. XVII.

O seu ritmo camoneano é elevado e rico.

— S. Dâmaso, vimaranense, foi poeta. Pedro Crinito, no livro «Poesia Rítmica», celebra-lhe o engenho.

C.